Carlos Alberto Disandro

Invasão Global e Defesa Cultural, Étnica, Telúrica

Carlos Alberto Disandro

Invasão Global e Defesa Cultural, Étnica, Telúrica

Libro & Moschetto Fascista Perfetto

I

O mundialismo implica uma tirania planetária, de controles absolutos e massificação absoluta. A “grande aldeia” da escravidão, da poluição, da desorientação e do crime multirracial. Não interessa o crescimento solar do homem e da cultura. Interessa o domínio, a manipulação, o livre mercado mundial para encher a Terra de detritos, a “aldeia” dos implementos descartáveis, já transformados em uma inundação de sólidos. O que se pode opor à condução articulada ONU+EUA+OTAN, braço armado da nova subversão, com a ex-União Soviética como gendarme de apoio? Esta é uma questão estratégica, isto é, geopolítica, na relação entre os espaços e os povos. Essa questão estratégica deve reavivar uma resposta, desde já, sem esperar a implementação definitiva, que as lojas e os lobbies mundialistas buscam incansavelmente, a sinarquia do poder judeu, judaico-cristão, iluminista, maçônico, e que, por comodidade, eu denominaria eixo Washington-Roma-Paris.

Deixemos de lado, por ora, o panorama do Extremo Oriente. Refiro-me à China; Tibete, Índia, Indochina etc. Por sua vez, o Japão parece integrar o eixo do hemisfério norte, *já mencionado*. Embora seja possível pensar em uma troca da cabeça axial, situada, em períodos imprecisos, em Tóquio e em sua computação robótica.

Visualiza-se, então, o perfil da seguinte geometria do espaço geopolítico: Europa e América do Norte, o mundo Arábico-Corânico, América Românica, talvez com a exclusão do México, integrado ao bloco do norte, com o Canadá etc.

No entanto, o primeiro impulso da estratégia sinárquica é aquilo que chamo de “Invasão Global”. Ela tem dimensão planetária, mas afeta e afetará principalmente a Europa e a América Românica. O perfil dessa invasão se delineia por meio da raça negra, dos povos hindustânicos, indochineses, dos árabes, corânicos ou não, de todos os conglomerados capazes de dinamizar o fenômeno emulsivo multirracial, em duas fases, pacífica e violenta; de instalação e de ocupação forçada e/ou conquista, de recurso admitido e estimulado ou de espoliação destrutiva em uma

mudança violenta. Todas essas nuances já estão no horizonte, como uma emersão do barro genesíaco, promovido e ampliado como lodo abissal e pútrido por esse ou esses impulsos aquerônticos aos quais conduz essa geopolítica do **luxus**, oferecido e subtraído ao mesmo tempo, tal como W. Sombart, entre outros, entreviu.

A "Invasão Global" tem como discurso tático uma guerra civil planetária, de terror, espoliação, massacre e destruição (cujo modelo já observamos no Oriente Próximo e na Iugoslávia, desarticulada por um **solve** criminoso, contemplado com cinismo pelo senhor Bush e seus correligionários). Mas as linhas fundamentais do experimento biopolítico, psicopolítico, tecno-opressivo e de condução, essas linhas estão confiadas à explosão racial **dentro** dos Estados Unidos; à expansão islâmica, fruto do confronto entre Irã-Iraque e Estados Unidos, e de seus conflitos endógenos, que inevitavelmente abrangerão espaços e povos colossais.

A "Invasão Global" é, portanto, interna (racial e substancialmente negra) e externa (confronto entre Islamismo e Judaico-cristianismo). Essas fases já começaram, enquanto a América Românica, confusa e saqueada, oferece um espaço multiforme para múltiplas operações posteriores à guerra de bolsões, em processo de implementação na Europa, no Oriente Próximo e no ex-Conglomerado stalinista. A "Invasão Global" não considera parâmetros excludentes, por razões de civilização, justiça, soberania ou temperamento dos povos, de uma história transcorrida em uma linha sinuosa, mas, afinal de contas, vivida, de Napoleão a Gorbachev. Todas essas razões perderam consistência diante do impulso invasor da New Age, Kali-Yuga absoluta nas mãos dos esoteristas negros, "dei neri cherubini", etc. Simplesmente, essa "Invasão Global" opera como um maçonismo-sionismo iluminista universal, reducionista e mundialista, segundo uma orientação estratégica totalitária. Começou, além disso, em um ritmo dinamizado e potencializado pelo poder ecumênico da Roma ariana, que deslocará a frente Islâmico-Judaico-cristã mais para o Reno e o Danúbio; e disso há sinais evidentes na Itália, França, Áustria e Alemanha.

Na Europa, a consciência dessas conjunturas catastróficas tornou-se mais aguda. Diríamos que a formulação de uma defesa cultural étnico-

telúrica é hoje um ingrediente decisivo no perfil de uma Europa totalmente desligada e livre dos Estados Unidos e também inteiramente confrontada com o remanescente que estes deixam como “Invasão Global” em suas fases iniciais, em sua condução sinárquica, israelita (Cf. Sergio Gozzoli, **Europa ieri, oggi, doman¡. Conferenza tenuta a Roma, il 26 ottobre 1991**, em L' Uomo Libero, nº 34, abril de 1992. Texto importante que todo americano deve estudar). A “Invasão Global” aqui considerada é um recurso mais poderoso, mais revulsivo e mais eficaz do que a dissolução da União Soviética. Pois essa dissolução ou colapso reconhece causas internas, étnicas e profundas, da Europa pré-leninista, complementadas por estímulos externos da grande Banca Mundial. A “Invasão Global” é uma via totalitária de planejamentos zonais, que não levam em conta as estruturas dos países, territórios ou Estados invadidos, seu povoamento, tradição ou configuração histórica, mas sim o impulso final dessa invasão ou intervenção global, armada, narcotecnocrática, persecutória e genocida.

Distinguimos, de todo modo, a “invasão global” pacífica — por exemplo, a teoria e a prática do asilo nos tempos da Guerra Fria e do pós-Guerra Fria (1985-1992) — e a “Invasão Global” de missões bélico-raciais, cuja primeira síntese propulsora se identifica com o ecumenismo vaticanista, conciliar, apóstata da Europa: a Roma Católica, isto é, o poder de João Paulo II, é uma potência ariana, que maneja um duplo movimento bélico-político-teológico: a) a destruição da “igreja romana”; b) a impregnação multirracial e multicultural, pregada pelos atuais bispos vaticanistas e pelos poderes políticos e financeiros das internacionais cristã e/ou socialista: França, Alemanha, Itália, para mencionar os casos mais característicos.

Aqui, na estrutura empírica e histórica dessas manipulações semânticas e factuais mundialistas, e em seus fundamentos teológico-conceituais, político-sinárquicos e maçônicos; nos efeitos catastróficos de suas implementações zonais e/ou geopolíticas integradoras, que inserem espaços menores — a Argentina, por exemplo — nessas coordenadas mundiais, joga-se o destino da América Românica, que constitui, como é lógico, um dos temas prioritários de uma política de alternativa criadora e

pacificadora. Nesse contexto, proponho, para o caso identificável na América Românica, a contrapartida da "Defesa", da "rejeição" como instância de "Terceira posição", e não a anuência à "invasão global" nem o recurso ao jugo do apoio sinárquico.

Expresso os conteúdos dessa ação operativa como defesa cultural, étnica e telúrica, segundo especificações que passo a definir em seus contornos fundamentais.

II

Defesa é ousadia, recuo, autoconsciência, discernimento do risco e do perigo novíssimo, iminente; enfim, reconhecimento do cerco, da insídia e da espreita do inimigo, do agente-instrumento da "Invasão Global". E é preciso sublinhar: aqui estamos diante de um **hostis** totalitário, excludente, alheio ao nosso **ius comune**, ao nosso **ius soli et ius sanguinis**, e que inclui, sem concessão possível, a pretensão de arrasar tudo, seguro de nossa impotência e falta de defesa. Exibimos, portanto, diante da emulsão mundialista, a dureza de um perfil que deve começar pela linguagem com que caracterizo o ou os **hostes** impiedosos, perversos e devastadores. E, se não, perguntemos aos bósnios, croatas, eslovenos etc.; aos libaneses, iraquianos e iranianos. É preciso repelir e aniquilar o **hostis in animo et in sententia**. Se não percebermos a diferença geopolítica entre **amicus, inimicus, hostis**, jamais poderemos delinear uma geopolítica americana, que, em todo caso, se forja com a anuência do **amicus** e faz o *hostis* recuar. Ainda mais neste período histórico em que a hostilidade provém de uma coalizão estratégica que impede agir segundo os **foedera pacta** romanos.

Mas, de todo modo, dentro dessas perspectivas e em meio a essas dificuldades, falo de Defesa, que significa, antes de tudo, uma raiz de decisão política, um firme enraizamento em um recurso bélico-político como aquele que forjou a I Guerra da Independência, como se pode ver em numerosos textos de Bolívar. O caso desse herói americano é arquetípico em muitos aspectos. Sem retomar a **energia** de um movimento

revolucionário nacional-americano, considero impossível sair do caos político nas Pátrias Americanas. E, nesse horizonte, seria conveniente fazermos um balanço desde a morte de Bolívar e San Martín até este fim do século XX, para sabermos o que perdemos no que diz respeito à retomada de uma geopolítica americana, sempre frustrada. Mas isso apresenta agora capítulos prévios mais complexos.

Mas passemos, enfim, ao segundo parâmetro de nosso título e tema.

E delinearemos, consequentemente, um primeiro grande âmbito de Geopolítica Americana, refiro-me, é claro, à América Românica. Nesse sentido, comecei por resgatar o horizonte de uma Defesa na medida em que: 1) a civilização está em perigo diante de um cerco de barbárie planetária, manejada por uma classe intelectual no poder; 2) a comunidade physica, formada ao longo da história, é substituída por uma massa, obra fantasmagórica da informática; 3) um equilíbrio racial, substancialmente aberto e estável em nossa América, encontra-se ameaçado por uma política multirracial, aplicada de modo coercitivo na estratégia do poder planetário; 4) quanto ao colapso dos parâmetros de liberdade e de justiça, estes são abatidos em nome da "aldeia" mundialista e da utopia de uma classe dirigente mundial que ostentará uma espécie de mandato incontestável sobre a vasta população da Terra, que supostos "governantes" escravizam, manipulam e afastam de fontes intocáveis como a própria vida. Neste capítulo, o hemisfério Norte (americano) e o hemisfério Sul (americano) divergem em fundamentos decisivos. Por ora, interessa-me apenas uma disjunção conceitual e empírica para compreender que, para a América austral, a geopolítica de Defesa e Resistência contra o mundialismo anglo-saxão, sionista, hebraico-maçônico impõe-se forçosamente para instaurar a primazia de uma política de instauração continental, ou subcontinental, se quisermos ser precisos quanto aos limites construtivos. Mas o problema também reside na classe intelectual da América Românica, na liderança econômica e sindical, como se vê perfeitamente no panorama argentino (1982-1992).

No título do segundo segmento temático escolhi com precisão, tanto em sua semântica quanto em sua disposição escrita, três epítetos: cultural,

étnica, telúrica. Convém examinar analiticamente e de forma recorrente cada marca semântica, para depois compreender o **totum** da realidade configurada e vivida, segundo o significado que Vico atribui às **res factae** como verdade. Nesse sentido, a geopolítica é um saber de complexas ressonâncias que ninguém pode ignorar em tempos de servidão ecumênica judaico-cristã, mundialista, videocrática etc.

III

Redefinimos sumariamente o conteúdo da Defesa; ela comporta uma "ofensiva" das raízes ônticas, vigentes em uma história concreta. Defesa é combate. E para esse combate são chamadas as Pátrias americanas, a América *der Vatterländer*, como costumo definir nossa condição de *limes* do *Imperium*. Pois, para além disso — um além, evidentemente, conceitual e empírico —, não se vislumbra, aqui na América, uma **regeneratio Imperii**, mas isso não significa que não disputemos o **Dominium** que nos corresponde como algo nosso, e não do "outro" (judeu, árabe, ianque, coreano, tailandês etc.). Esse outro é uma ameaça potencial, como **proximus**, como **Inimicus**, como **hostis**. A utopia das seitas bíblicas evangélicas, sem excluir agora a seita romana de extrema força judaico-cristã, é o maior desafio para este período próximo, no que diz respeito às pulsões cainitas contra o barro genesíaco.

Eliminemos, no entanto, os aspectos negativos. Não há Defesa como resposta bélica, mas, antes de tudo, como resposta espiritual, noética, estética. Além disso, deve evitar dispersões centrífugas que comprometam os recursos humanos em vias ou programas sem finalidade (*telos*). E, por fim, tal Defesa só pode ocorrer na Anfictionia (de Simón Bolívar), ou no Continentalismo (de Juan Perón). Pois a geopolítica é também um saber empírico construtivo que redimensiona os parâmetros da "Política" (a cidade ou o Estado Nacional, a **res publica**), o perfil cosmográfico em que a História herodotiana ou épica nos situou, os espaços, as montanhas, as planícies e os mares em um signo cosmográfico de longitude e latitude e,

enfim, um saber que contempla, no *Kairos* mundialista, uma sequência combinatória empírica em uma *physis* concreta.

Partimos de uma concepção heráclita da existência humana e, quanto ao horizonte dos *Vaterländer* americanos, recuperamos uma distinção orientadora entre Pátria (**Vaterländ y Helmat**), Nação e Estado, confundidos pelo nominalismo e pelo iluminismo dos séculos XVIII-XX. Mas chegou a hora de repensá-los e concebê-los de maneira correta e renovada diante do desafio dos poderes mundiais, ocultos ou explícitos, sinárquicos ou periféricos, esotéricos ou ostensivos em suas correias de transmissão informática e promotora. São poderes reais por sua **operatio rerum humanarum**, isto é, pela manipulação concreta, analítica e *physica* da substância humana, do barro genesíaco. Por isso, devemos concluir corretamente, para a América Românica, o que é que defendemos e/ou criamos. E como se dá essa defesa e criação. Não se trata de uma abordagem xenófoba, nem tampouco de uma indistinção do outro, mas da afirmação e do amadurecimento histórico-estético e político em uma identidade não intercambiável, nem emulsionável nem delegável; de um valor assumido pela livre vontade dos homens que nos precederam — a **prisca gens mortalium** do poeta Horácio —, a qual, por outro lado, concentra e redimensiona toda a realidade cósmica. Além disso, repito agora e aqui o que, em outra atmosfera e sob outros condicionamentos de época, sempre afirmei categoricamente: não há nada a restaurar, é preciso criar. O primeiro ato criativo é uma defesa correta do que é “nosso”, diante da agressão da empresa invasora global, da emulsão alquímica judaico-cristã, maçônica e iluminista, empresa já projetada e executada sem disfarces e com malícia aquerôntica por poderes sinistros, em uma suposta racionalidade do Estado mundial planetário. Uma utopia, afinal de contas.

IV

Segundo esses esclarecimentos, convém reposicionar a “invasão global” em parâmetros sistemáticos e históricos para delinear o movimento

contra-heroico, contracultural e contra-étnico-telúrico na América — a nossa —, despojada e esteticamente desarticulada.

Em síntese, o movimento revolucionário nacional-americano que vislumbramos e defendemos contrapõe-se ao que considero um movimento contra-heroico. Os parâmetros sistemáticos abrangem dois séculos (1790-1992), nos quais a América, frequentemente enganada contra a vontade instauradora de seus heróis (I Guerra da Independência), e em que o recuo do reducionismo jesuíta, afastado pela geopolítica de Carlos III, desempenhou uma nefasta função judaico-cristã, cujos resultados estão à vista. Pois o "estado mundial" é a meta (**telos**) da segunda revolução iluminista, herdeira e sucessora do iluminismo judaico-maçônico do século XVIII. Na primeira fase, consumou-se a emergência democrática contra o trono e o altar. Na segunda, são profundamente afetadas a soberania, a justiça e a liberdade dos povos, até agora independentes dentro de margens imprecisas. A "invasão global" pretende precisamente anular essas margens e conduzir a humanidade aglutinada: 1) pelo terror; 2) pela guerra policial; 3) pelo controle informático; 4) pela divisão em duas grandes classes: a) o jet-set técnico-burocrático beneficiário do **luxus**, que conduz, por meio de estamentos intermediários apropriados, todos os países e setores; b) a grande massa dos submetidos, com zonas amplas e densas de pobreza, marginalização, pestes espirituais, psíquicas e biológicas.

Os acontecimentos emergentes e delineados ao longo de dez anos (1982-1992) preparam justamente o terreno, disposto para uma última fase do iluminismo: convencer as massas de que é mais leve a "existência" da imagem videocrática (o **soft-being**) e de que nela se realiza o "céu prometido". Todo o restante é o itinerário obrigatório, que será necessário percorrer segundo os cânones de uma mística intramundana. A síntese doutrinário-política coercitiva dessa mistificação é precisamente o judaico-cristianismo, que realiza uma expansão sem precedentes por múltiplos canais, dispostos pelas altas lojas dos iluminados. Nelas, por certo, os conflitos não cessam nem cessarão; mas subsistem sem afetar as grandes utopias estratégicas que, como expliquei em outros textos, pressupõem

guerras de coerção e extermínio, com o objetivo tático de evitar uma "frente de endurecimento", que se abre para um conflito geral não recomendável por suas consequências imprevisíveis nos povos submetidos.

Recapitulemos nossa primeira curva expositiva. A visão de Amold Toynbee, sobre uma "civilização ocidental" expansiva e absorvente de modo totalitário; a de Oswald Spengler, que desvenda a morte (Undergang) de seus valores constitutivos e a aglutinação de uma "imagem do mundo" cuja morte e emulsão prenunciam diversas catástrofes; as intuições de G. Orwell, tidas como simples relatos de antecipação fantasmagórica (Cf., nesse sentido, a avaliação que encontramos em Manuel Bonilla Sauras, **La trama oculta del P.S.O.E**., Ed. Ignis Renovatur, Espanha, 1991. Em particular, p. 311 e segs.), todas elas se cumpriram ou estão se cumprindo em uma etapa que anuncia um fim catastrófico e preludia uma mutação no "soft-being" das massas, involuídas, idiotizadas, servas de senhores cruéis, soberbos na "paixão" e no "poder".

Antes, porém, devem ser cumpridos os objetivos desconstrutivos e emulsionantes da "Invasão Global". Na América, coloca-se precisamente diante de nós o empenho por uma clareza humanística e uma tarefa de empirismo construtivo, como se refizéssemos o ato fundador da civilização estética, religiosa, política. Devemos reconhecer as vias fecundas e afastar os caminhos desconcertantes para a América. Entre estes, creio, destacam-se os empenhos esoteristas, impróprios para a tarefa política de alternativa criadora. Esses empenhos poderiam representar não apenas um dispêndio inútil, mas, sobretudo, uma confusão de limites espirituais incontornáveis.

V

Contrapomos a esses perfis, já bastante acentuados nos acontecimentos de 1990-1992, a concepção e o ato da Defesa e da Criação, que corresponderiam, como linhas contrastantes, às etapas do Iluminismo

brevemente consideradas. Pois, para orientar as gerações jovens, é necessário o rigor empírico de transpor para a semântica os **facta et acta**, sem confundir esse ciclo de transposição com um sinal de memória puramente passiva. E esta é, sem dúvida, uma dificuldade incontestável, inscrita no próprio ser do homem e no discernimento de gerações passíveis ou não de reatualização, no movimento construtivo da memória. Para a América, essa circunstância ou conjuntura (kairos) implica uma parcela ainda maior de dificuldades. Mas, de todo modo, Defesa e Criação impõem-se como espaços sagrados de nossa própria existência, que renuncia ao "soft-being". Busca, em contrapartida, uma emersão do "stärkares Dasein", como se chegássemos a um mundo que nos sublima por encontrar em nós não um mero fragmento sem dono, mas um **totum** marcado por um **decus**, consubstancial ao cosmos. No entanto, essa distância entre fragmento e/ou **decus** exige o exercício da virtude hercúlea que, miticamente, é anterior à guerra heroica.

Falo de Defesa Cultural, étnica e telúrica contra a "Invasão Global"; e os três epítetos são enunciados em uma escala construtiva consciente.

Este é, portanto, um primeiro dado fundamental para exercer a Defesa, um contraforte inequívoco que repele a "Invasão Global". Assim, Defesa implica uma reacomodação psíquica prévia, sustentáculo da continuidade contra a agressão mundialista. Essa reacomodação psíquica não é fácil, nem acessível a muitos, moldados pela pletora informática e videocrática. No entanto, a própria realidade complexa vivenciada desperta o anseio por um espaço interior construtivo, autônomo e eficaz na reflexão e no sentimento. Nesse aspecto, somente uma reserva geracional pode retomar esse sentimento de inserção cósmica como consequência do próprio ser do homem. Mas também nesse sentido devem ser deixadas de lado a manipulação ecologista e a nova religião da terra. Ambos os parâmetros afetam, de certo modo, a memória histórica, na qual convergem a memória cósmica e a vida da terra, que comporta a vida como dado inseparável no tempo.

A Defesa, assim concebida, aprofunda a reconquista do homem como entidade psíquica e noética, impregnada de veneração pelos antepassados

e, ao mesmo tempo, atenta ao contexto étnico e telúrico. Se o chamado "progresso", segundo os iluministas fortalecidos por um horizonte de domínio absoluto, é exercido por homens sobre homens, conter esse ritmo não constitui um mero retrocesso, mas uma nova criação, como retomada da virtude fundadora do herói noético e empírico. Tampouco implica a preservação residual daquilo que é valioso ou passível de regeneração: esse seria o contexto dos "reacionários", mero recanto da *physis*, cujo desdobramento é a "restauração". Uma vez caída esta, as forças aquerônticas do "progresso" retomam, com maior ímpeto e violência, o totalitarismo semântico de suas raízes espirituais, como se pode observar entre 1830 e 1930, sem que o limite desse período implique um juízo sobre todos os acontecimentos. Pois a "restauração" coincide com o recuo das lojas iluministas, que preparam um novo "trabalho prático" de irrupção, massacre e aniquilamento étnico-político. Nesses desvelamentos e encobrimentos, devemos resgatar o que há de valioso em figuras como Benito Mussolini e Adolf Hitler e em seu nacional-socialismo; mas também afastar seus equívocos, suas mentiras e as profundas traições que seu contexto encerra. Um "revisionismo histórico" para a América não pode consistir apenas em uma releitura empírica do passado, de cinquenta ou oitenta anos (1910-1992); mas em uma seleção complexa, para operar na História como a terra opera com as pedras e as gemas. Pois as razões profundas dos **acta y facta** deste século XX, já repleto de insipiência, exigem uma consciência cultural de seleção livre, mas physica, quero dizer, operante e desveladora de outras energias que comportem o ciclo ascendente. Não se trata de uma utopia, mas de uma criação inspirada e congruente, estética e política.

VI

De qualquer modo, para a América, a Defesa diante da Invasão Global e contra sua implantação subversiva é um capítulo prioritário na formulação de uma geopolítica americana, pois, como se depreende dos termos com que aqui se caracteriza a Invasão Global, sem essa preparação

psíquica, mental e hermenêutica de uma Jovem América é impossível alcançar outros parâmetros de uma geopolítica americana. Nesse sentido, entendo haver um duplo recurso nesse horizonte incoativo de uma geopolítica empírica e construtiva: aquilo que chamo de América Jovem e o capítulo que desenvolve a II Guerra da Independência como execução imediata de um Movimento Revolucionário Nacional Americano e Heroico. Agora, os déspotas não são os Bourbons nem o entrave clerical-jesuíta da Espanha do século XIX. Agora são a Alta Finança, a Sinarquia judaico-cristã mundialista, o ecumenismo apátrida e antiteândrico ou anti-hiperbóreo.

A Jovem América deve ser construída pela soma de recursos humanos, a cuja formação devemos dedicar esforços fundamentais e seletivos. Pois é inútil pensar que, sem essa delimitação espiritual de impulso renovador — que eu diria destinada a formar o quadro de oficiais para a condução da guerra —, é inútil elaborar instâncias teóricas e/ou utópicas. Mas será que minha proposta de Geopolítica Americana não é, por si só, uma utopia, dentro do quadro concreto já cristalizado do "governo mundial", que nos inclui drasticamente em "seus" planos geopolíticos e planetários, raciais, religiosos, supertecnocráticos? Não é a "aldeia multirracial e multiescravista" a impossibilidade real de todo "movimento" revolucionário de Independência, Justiça e Liberdade?

Sem cultura humanística e política, de todo modo, não poderemos enfrentar os possíveis prolegômenos desta II Guerra, pois os planos mundialistas não estão isentos de peripécias inesperadas. E, nesse sentido, a ocasião da guerra pode surgir de forma imprevista. Na História, a decisão sempre ocorre em circunstâncias incomuns e inovadoras. Dois riscos se apresentam no horizonte: preparar uma guerra cujo **kairos** não chega nem desponta; e, caso ela venha a ser travada, sermos derrotados. Mas, em um caso ou no outro, cumpre-se o Destino Heroico, um "starkeres Dasein", e assume-se a existência heráclia. Pois, em última instância, a decisão de se defender contra a "aldeia" mundialista é uma questão de existência profunda para os povos românicos da América, para as nações que emergiram de uma guerra de meio século; para o Estado Político a ser

configurado segundo parâmetros anti-iluministas, desvinculado da práxis usurária do judaico-cristianismo, desvinculado também de uma “ética” religiosa, cujo racionalismo reducionista jesuíta conferiu o “poder” aos lobbies corruptos da banca e da incultura clerical.

VII

Esclarecida desse modo a semântica da Defesa, retomemos os epítetos correspondentes, pois eles entreabrem zonas profundas do contexto histórico, do recurso reflexivo, enfim, de possíveis propostas criadoras, que só podem ser formuladas nos estratos reservados e fecundos do noein (pensar), no conflito da própria História.

Este capítulo tem certa relevância justamente para esclarecer a configuração da Defesa como vida e pensamento, transformados em **operario aesthetica**.

Em primeiro lugar, no epíteto cultural onicompreensivo, destacamos três elementos constitutivos: **linguístico, estético e político**. Neles se integram e se articulam outros elementos que abrangem variadas exigências físico-históricas, desde a consciência cosmogônica, cosmográfica e continental — em síntese, a consciência territorial — até a preservação de costumes dotados de certos valores míticos e/ou arcaicos. Pois devemos compreender que os acontecimentos e, sobretudo, a condução sinárquica desde 1945 consistem em impedir a concepção espiritual e a implementação empírica de toda **res publica**, em aboli-la como **res extensa**, isto é, física e congruente com o cosmos. Ou, dito de outro modo, a “Invasão Global” busca extinguir o ato político livre (em escala nacional, internacional e planetária). Pois a “grande aldeia” multirracial não é uma pólis, nem um Estado e muito menos um **Imperium**. Tampouco tolera o **dominium** como articulação humana telúrica segundo diferentes formas de ocupação espacial, social e/ou política, no sentido estritamente empírico de uma posse convertida em cultura.

Assim, a perda da **res publica**, sua destruição estratégica, tanto como interioridade anímica quanto como **res extensa**, quero dizer, incorporada ao nível físico da **natura naturans**, essa extinção, esse crepúsculo e essa perda histórica constituem o sentido profundo da ação mundialista.

Nossa guerra heráclia consiste em preservar, segundo o horizonte auroral e empírico, **a res publica americana**.

Reflexões semelhantes caberiam à identidade linguística românica, hispânica, que naturalmente nos vincula ao Imperium. O "melting-pot" linguístico ianque é o modelo da ruptura linguística, rítmica e semântica e, portanto, uma porta para as trevas do **sensus** e da vida.

O surrealismo teve, na promoção do mundialismo, um significado de ruptura estética muito importante; seus efeitos consideráveis desviaram as energias espirituais por meio do ateísmo, da irreligião e do ódio à **res publica**; a caducidade do iluminismo racionalista, por sua vez, foi potencializada, sendo substituída por um evolucionismo dialético desenfreado e anti-hiperbóreo. Completou-se o trabalho prático das "oficinas" luciferinas, e a desmontagem e remontagem subsequentes exibiram a "revolução cultural", a "revolução semântica" e a "revolução do sexo e da violência".

A América Românica sofreu, em razão da coalizão dessas forças, um retrocesso, hoje saudado com entusiasmo pelos lobbies capitalistas e marxistas judaico-cristãos como uma conjuntura de inflexão rumo a uma subaldeia multirracial, que destrói para sempre a herança, aqui e agora, a herança de dois mil anos. E, sobretudo, a herança mais próxima de cinquenta anos de Peronismo, que articulou o homem, a terra, a Nação e a **res publica** tal como aqui a concebemos.

Esses pano de fundo devem ser considerados para compreender a geopolítica anglo-ianque-vaticanista, que pressupõe levar a termo a fase destrutiva, a emulsão racial e religiosa, a pobreza e a confusão linguísticas, a profusão de uma imagem videocrática, mais profunda e mais real, segundo os gestores do melting-pot, do que a natura sublime e o homem puro e misterioso. Nossa Geopolítica, ao contrário, deve construir

parâmetros contrastantes, mesmo em meio às ruínas, como no caso concreto da Argentina, da Bolívia e do Peru. As forças obscuras avançam, reordenando e restringindo a consciência racial, política e religiosa, com consequências catastróficas para os próximos cinquenta anos, para não falar de um século. Nossa geopolítica pressupõe resgatar e salvar aquilo que a semântica do termo complexo sugere, e estabelecer os canais concretos de uma geração que repudie a destruição e a imersão na revolução sexual, biológica, sodomita, impulsionada pelos senhores do sexo e da pornografia e gratificada pelo jet-set dos playboys e dos clérigos apóstatas, antissociais, na medida em que defendem a antinatureza, a mestiçagem compulsiva, a decadência biotípica da massa cinzenta, a "raça inferior", por subnutrição e drogas sem controle. Estes são termos absolutos tanto para a frente que, por comodidade, chamo de surrealismo sexual, com o universo paranormal da televisão, das drogas e dos esportes hipertrofiados; mas são também termos absolutos para o nosso contraforte, concebido como o equilíbrio heroico das energias divino-cósmicas e humanas no ato de promoção de uma cultura solar que combata, sem demora, a aldeia mundialista, a subaldeia americana, dominadas pela informática das oficinas jornalísticas e/ou pelos "formadores" de opinião, imposta pela sinarquia dos ocultos cenáculos altígrados. Eles decidirão os rumos das consciências corrompidas; nós, a seleção espiritual que, seja por meio de uma política empírica construtiva, seja pela espada fulminante da guerra, liquide a invasão global dos detritos e da lama, para decidir outros rumos, arriscados, é verdade, mas mais limpos e mais humanos.

VIII

Algumas palavras seriam necessárias a respeito do epíteto "étnica" — Defesa étnica —, em razão da confusão consolidada pela propaganda e pela guerra semântica contra a clareza mental e concebedora, e pelo peso de um ódio do homem à cultura. Pois, se há "poder do homem sobre o homem", há também, consequentemente, "ódio do homem pelo homem".

É isso que convém distinguir com perícia, delimitando os conceitos gerais — dos quais os iluministas e seu reducionismo jesuíta fazem uso e abuso — e as realidades físicas e históricas concretas. Nelas, a variável tempo opera de modo diverso, o que não é oportuno analisar aqui. Basta delinear uma diferença entre o reducionismo, potencializado em tiranias nominalistas estéreis, e a physis omnigenética, com sua história multiforme, mas que seguiu um curso não emulsivo ou dissolvente, e sim anabático e espiritual.

Uma etnia não é uma raça, nem no sentido biológico-evolucionista, nem no sentido nacional-socialista, nem no sentido da história positivista. Em sua base biológica, sim, há uma "raça", uma estirpe biológica ariana, acompanhada de um destino histórico concreto. Dito de forma mais simples: nem raça equivale a etnia, nem esta a raça. Transcendendo as raças biológicas, as etnias pressupõem um princípio espiritual multiplicador. Nós, argentinos, somos até agora uma etnia, em processo de destruição pela Invasão Global. E esta, como planejamento geopolítico planetário, inclui a destruição das etnias constituídas e/ou surgidas ao longo de um percurso histórico-espiritual. A dissolução do poder centralista soviético pôs a descoberto, na Europa, o vigor das etnias, e a resposta sinárquica é **a guerra do bolsão iugoslavo.** Mas por quê?

Apliquemos essas breves noções ao nosso caso. A etnia americana, argentina, teve — ou havia tido — de 1930 a 1980, para estabelecer limites claros, uma anábase histórica que retoma sua consciência na **Revolução de 1943** e, depois, na obra estratégica de Juan Perón até sua morte. De forma sumária, portanto, falemos de uma etnia crioulo-argentina que, em sua identidade complexa e aberta, é fecunda e imprevisível. Este é um recurso biológico-histórico-espiritual que possibilita concentração e desenvolvimento. É isso que a Invasão Global destruiu. Nossa Defesa consiste em reencontrar sua expressão e seus caminhos mais profundos do que um simples sintoma **folclórico**, pois se trata de uma anima genética, como a **anima mundi** dos estoicos. É a **anima argentinae**, cuja morte é uma catástrofe da terra. O próprio folclore poderia invalidá-la, caso de A. Yupanqui.

E com esse pensamento relaciono o terceiro epíteto: Defesa telúrica, que hoje se impõe como resultado alquímico-espiritual de um despertar pela cultura, **étnico, linguístico, estético**. É para isso que provavelmente nos encaminhamos naquilo que sempre chamei de II Guerra da Independência, agora diante da Invasão Global que nos inunda e nos escraviza. É um poder obscuro e trágico, diabólico, aquerôntico, de sombras ominosas e presságios cruéis pelo sacrifício humano que implica; contra esse poder, os argentinos devem reassumir a luz, o ritmo apolíneo e hiperbóreo de anábase solar; contra esse poder, devem preservar a terra e reconstruir a cultura e o pensamento. É essa a tarefa que nos propusemos sob o lema Soberania, Fidelidade e Virtude Heroica, como signos políticos, éticos e estéticos de uma **Jovem América.** Esse empenho deve recuperar seu próprio espaço diante do judaico-cristianismo para retornar a um espaço de Terceira Posição internacional, fundada em estritos parâmetros geopolíticos americanos e em fundamentos teológicos que afastem a confusão dos lobbies judeus, pró-judeus e sionistas.

É necessário, igualmente, um rigoroso reexame da pseudocultura modernosa; um espírito seletivo diante de livros, espetáculos e mensagens que invadem os espaços da "aldeia mundialista". Em princípio, é *melhor potencializar* a memória do passado remoto e/ou próximo, investigar e interpretar os ciclos catastróficos, pois a geopolítica mundialista inclui, ao menos por algum tempo, a preservação de uma memória empírica global, para depois inundar o mercado com hermenêuticas confusas e contraditórias, sobretudo para os mais jovens. É o caso da Alemanha atual em relação à grande Alemanha nacional-socialista, que mal durou 15 anos. Por quê?

Percebo perfeitamente que esses contornos de contra-ação geopolítica americana não são simples nem fáceis de concretizar. Mas é a margem que temos antes do afundamento da Atlântida.

A retomada da II Guerra da Independência exige reconhecer e redimensionar o período de nossos heróis heráclios e proceder à limpeza da consciência histórica da narcotização judaico-cristã. Temos um único caminho: desencadear a guerra semântica e preparar o conflito da

revolução nacional americana contra os déspotas do Norte (eixo Washington — Londres — Roma) e contra os leninistas do Leste (Yeltsin, Gorbachev e caciques menores da Polônia, Tchecoslováquia, Hungria etc.). Para nós, rio-platenses, refundar o **Exército Argentino** em dois quadros estratégico-políticos: o Exército do Norte, que chamaremos de Coluna "San Martín", e o Exército do Sul, que chamaremos de Coluna "Juan Perón".

La Plata
República Argentina
17 de outubro de 1992.

*[Publicado em **Ciudad de los Césares** (Revista de Política e Cultura Alternativa), Chile, em seu número 26, correspondente aos meses de setembro-outubro de 1992.]*